

## CONTEMPORANEIDADE, VIOLÊNCIA E REALIDADE NO CONTO "15 CENAS DE DESCOBRIMENTO DE BRASIS" DE FERNANDO BONASSI"

Pamela Niero [1]

A presente análise objetiva mostrar os traços estéticos e a temática da contemporaneidade na obra de Fernando Bonassi – “15 cenas de descobrimento de Brasis”.

A única referência que temos de que estamos lendo um conto é o título central – “15 cenas de descobrimento de Brasis”, pois o conto é dividido em quinze microcontos, sendo que desses quinze, dois deles foram originalmente publicados no livro “Passaporte” de 2001. Os quinze microcontos foram compilados pelo autor e publicados exclusivamente na coletânea de contos organizada por Ítalo Marconi, intitulada “Os cem melhores contos brasileiros”.

Cada microconto é dividido em cenas com títulos próprios que ao decorrer da leitura vão se interligando e ganhando sentido, montando de forma serializada imagens do Brasil. Essa serialização é uma das características do estilo artístico minimalista (ou também conhecido como Minimal Art) que surgiu na década de 50 e é um dos traços comuns dessa nova literatura que começa a emergir.

Fernando Bonassi, um dos nomes que compõe a chamada geração 90. Nasceu em 1962 e além de escritor é também roteirista e diretor de cinema, fato este que pode ter contribuído para a construção desses pequenos quadros de “Brasis”.

Ainda sobre os microcontos, Medeiros afirma que:

“(...) microcontos, têm na sua extensão um contraste marcante com a grandiosidade do labor literário que encerram. Aliás, eles evidenciam um caráter peculiar da ficção contemporânea: a configuração da leitura em vários níveis,

que se diversifica em consonância com a intimidade que o leitor tenha com outros textos”. (MEDEIROS, 2007:02)

Assim, é a intertextualidade uma das marcas da geração 90 e está presente em várias partes do texto, como nas cenas 1 – “História das idéias” e 2 – “Turismo ecológico”.

Na cena 1 temos em primeiro momento o título que mistura a história das invenções humanas e o conceito do mundo das idéias superiores de Platão. Já no conto, temos a narração de fatos em processo evolutivo, mostrando que este processo se deu pela ganância instintiva do homem.

Já na cena 2, o texto dialoga com a carta de Pero Vaz de Caminha e com a poesia de Mário de Andrade, mas diferente deles, não temos as índias ingênuas ou a prostituição retratada, mas a exploração do corpo e do turismo sexual. Destaque para a passagem: “Haveria lógica humanitária exemplar no negócio, não fosse o fato das índias começarem a deitar-se com os hóspedes”, no qual revela o lado grotesco humano que enxerga o outro como objeto de consumo.

A cena 15, nomeada de “O Fim”, instiga hipótese do trabalho do autor com a questão da cultura de massa. Nesta, fatos são organizadas pelo critério de noticiabilidade, como em um jornal, para demonstrar a revolta da natureza e a insensibilidade do homem com esses fatos. Outra cena interessante para reafirmar esta idéia é a cena 12: “Business headline” – que trata do neo-liberalismo e faz uso do bordão econômico utilizado para mostrar os reflexos da globalização econômica: “Uma borboleta bate asas em Seul”.

Outro fator estético importante para ressaltar é a brevidade dos períodos e o hibridismo. Frases curtas, ou quando longas quebradas por vírgulas e muitas vezes desconexas sintaticamente, presentes em todo o conto e que ganham sentido durante a leitura pela interação texto-leitor.

O hibridismo acentuando a ironia crítica do texto, como na cena 14 – “Os brasileiros” - no qual temos uma mistura do microconto com dados estatísticos, utilizados para ressaltar a alienação e o lado grotesco dos brasileiros. Vale destacar aqui a mistura do cotidiano e o mass media.

Calvino (1990) apud Arruda (2004:69) ressalta que “A rapidez de estilo e de pensamento quer dizer antes de mais nada agilidade, mobilidade e

desenvoltura”. Podemos então considerar a brevidade das frases como um retrato da contemporaneidade e da cultura de massa, conforme Arruda :

“O que retrata um aspecto comum ao conto contemporâneo e aos meios de comunicação de massa – a rapidez. O homem contemporâneo vive apressadamente e não tem tempo ou até paciência para ler longas histórias ou até assistir a um programa inteiro de televisão”. (ARRUDA, 2004:69)

As temáticas centrais dos contos são a violência e o sexo. A sexualidade é tratada ora sutilmente e de forma violenta e grotesca, ora explicitamente irônica compondo com paródias as imagens seriadas do Brasil.

Lucas (1985) apud Silva (2008) afirma que a literatura pós-1964 (ano do golpe militar e instauração da ditadura no Brasil) traz a violência como uma das marcas dessa nova geração de escritores. Bonassi, nascido em 1962, viveu este período e o retrata na cena 13 intitulada “1964”, a violência de forma marcadamente psicológica, lembrando algumas vez outra obra – “Feliz ano velho” – de Marcelo Rubens Paiva. Nesta cena, o autor mostra o como as pessoas estavam ludibriadas com as novidades modernas para perceber a repressão que os cercavam.

Cenas de violência e desapego a vida podem ser encontradas no microconto “cena 5: Chacina” e também na “cena 9: canção do exílio” – uma paródia nada romantizada. Drogas e corrupção moral também fazem parte desses “Brasis”, como na cena 8 – “Tiradentes” e cena 7 – “uma praga”.

A crítica social por detrás de cada microconto acentua a conotação política do conto, mas antes de tudo, faz uma crítica a postura narcisista do brasileiro. Conforme Zampieri et alii (2007), na contemporaneidade “(...) surge o chamado sujeito narcisista, um sujeito sem projetos, sem ideais a não ser o de consumir, além de ser cultuador de sua auto-imagem”.

Na cena 4 – “Planalto central” – temos uma metáfora com o congresso e uma demonstração que a corrupção do homem não vem da posição social ou do papel que ele ocupa na sociedade, mas está na raiz de todos, independente disso. Aqui, Wilson Patachó, por mais que seja índio, transforma suas filhas em produto para o consumo de caminhoneiros, mostrando realisticamente a desestrutura familiar, outro como objeto e a desvalorização do ser humano.

Outro exemplo é a cena 3 – “reflexo” - no qual temos uma demonstração da sensação de indeterminação dos sujeitos e do ser algo que não é.

Curiosamente temos o Brasil tratado de forma Realista, mas não um realismo determinista e sim um realismo ético. Segundo Silva (2008), temos realismo suburbano, que nasce da aliança entre realidade cotidiana e introspecção individual, diferente do realismo do século XIX:

“(...) marcado pela filosofia positivista e pelo determinismo social, o realismo suburbano que caracteriza a contemporaneidade ao mesmo tempo em que volta suas atenções para o eu profundo, procura situa-lo no centro dos acontecimentos cotidianos”. (SILVA, 2008:02)

É desse realismo que surgem as personagens e retratos dos “Brasis” mostrando eles como “alienados do processo produtivo”(PINTO, 2005:141).

Alienação que pode ser representada de várias maneiras, como na cena 10 – “promessa”. Neste microconto o autor trata da prática do ex-voto e faz crítica ao misticismo brasileiro. Na cena 11 – “Dia das bruxas” – outra formidável crítica ao misticismo, no qual podemos destacar as passagens: “Eu só vim pra te dizer que todas as coisas que você disse aconteceram [...] Nem sei se você me enganou... [...] Vocês valem os malditos 100 paus que eu dei e que agora me fazem falta. Você é uma bruxa miserável de boa”

O realismo é configurado pela linguagem simples, mas apresentada se forma bruta e obscena. A linguagem, segundo Pinto (2005:140), é a representação que irá compor as personagens, reproduzindo “(...) desde o modo bestializante com que os amantes se referem ao corpo até as gírias de ‘meganhas’ e traficantes ou a salmodia de pastores evangélicos”. Podemos ilustrar essa afirmação com as cenas 6 (os Silvícolas) ou Cena 11: Dia das Bruxas – representadas por gírias com papéis simbólicos e por muitas marcas de oralidade.

Na cena 6 temos “Um índio burro de dar dó!”. Silvícolas são aborígenes, mas também pode ser utilizado para representar de forma conotativa “selvagens”. Neste último caso, essa última afirmação faz sentido, pois a todo momento ele cita a personagem como incapaz de perceber a situação em que ele se insere. Bonassi também reduz a personagens a suas origens quando se refere ao homem moderno e cria um “índio moderno”.

## Considerações finais

Fernando Bonassi utiliza da forma cinematografia para representar o Brasil e o constrói através de cenas fictícias, porém muito próximas da realidade. Ele é um espelho da contemporaneidade, com sua representação da violência ou da sexualidade atrelada a violência. Retrata de forma verossímil o Brasil antiético, imoral e alienado sem condena-lo ao determinismo como em nosso passado Realista-naturalista.

A alienação acaba por ser tornar um fator estético: “Pois quanto mais os homens – indivíduos e coletividades – ficaram estranhos uns aos outros, tanto mais enigmáticos eles se tornam, ao mesmo tempo, nas suas relações mútuas, e a tentativa de decifrar o enigma da vida exterior [...] passa a ser o esforço de captar a essência que, justamente na estranheza familiar posta pelas convenções, aparece, por seu turno, assustadora, duplamente estranha” (ADORNO, 1983:270)

E são essas as características que tornam Fernando Bonassi um dos gênios da geração 90.

## Referências:

ADORNO, Theodor W. Posição do narrador no romance contemporâneo. In: BENJAMIN, Walter; HORKHEIMER, Max; ADORNO, Theodor W.; HABERMAS, Jürgen. Textos escolhidos. [Traduções de José Lino Grünnewald et al]. 2º ed. São Paulo: Abril Cultural, 1983. p.269-273.

ARRUDA, Ângela Maria de. A presença da comunicação de massa na literatura brasileira. Temas e matizes. Cidade, Setembro de 2004. Estudos Literários. Nº 5. p. 68-73. Disponível em: <<http://e-revistas.unioeste.br/index.php/temasematizes>>. Acessado em: 01/04/2009.

BONASSI, Fernando. 15 cenas de descobrimento de Brasis. In: MARCONI, Ítalo (org.). Os cem melhores contos brasileiros do século. Rio de Janeiro: objetiva, 2001. p.604-609.

MEDEIROS, Marcos. O texto invasor: intertextualidade e interdiscursividade na prosa brasileira contemporânea. In: Encontro Regional da ABRALIC. São Paulo: USP, 2007. Disponível em < [www.abralic.org.br/enc2007/anais/19/257.pdf](http://www.abralic.org.br/enc2007/anais/19/257.pdf) >. Acessado em: 01/04/2008

PINTO, Manuel da costa. Fernando Bonassi. In: Literatura Brasileira Hoje. São Paulo: Publifolha, 2005. p.139-141

SILVA, Mauricio Pedro. Histórias de Rua ou Sexo & violência: O realismo suburbano de Fernando Bonassi. In: XI Congresso Internacional da ABRALIC, Anais... São Paulo: USP, 2008. Disponível em < [www.abralic.org.br/cong2008/AnaisOnline/simposios/pdf/021/MAURICIO\\_SILVA.pdf](http://www.abralic.org.br/cong2008/AnaisOnline/simposios/pdf/021/MAURICIO_SILVA.pdf) >. Acessado em: 01/04/2008

ZAMPIERI, Aline Câmara; BUZZIO, Josiane Cortes; PAIVA, Josimeire Lemos de. Fronteiras da literatura brasileira contemporânea. In: Anais do III CELLMS, IV EPGL e I EPPGL. Dourados: UEMS, 2007. Disponível em < [www.uems.br/cellms/documentos/26%20-%20FRONTEIRAS%20DA%20LITERATURA.pdf](http://www.uems.br/cellms/documentos/26%20-%20FRONTEIRAS%20DA%20LITERATURA.pdf) >. Acessado em: 01/04/2008

[1] Pamela Niero é licenciada em letras e estudante de pós graduação lato sensu em literatura e análise de textos pela Universidade Nove de Julho (Uninove).